Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Políticas de um tempo do “bem-querer”: fotografias de folia de reis no Complexo da Reta, Itaboraí - RJ[1]

Politics of a Time of “Affection”: Photographs of Folia de Reis in the Complexo da Reta, Itaboraí, Rio de Janeiro

Lorena Melo Salum

Palavras-chave: Fotografia Documental; Bem-querer; Folia de Reis; História Potencial, Complexo da Reta.

Introdução

O recorte temático para esta publicação surge a partir do projeto de pesquisa que tem por objeto de estudo a fotografia documental de folia de reis. Esta documentação foi realizada por mim nos anos de 2020 a 2025, no Complexo da Reta, em Itaboraí, Rio de Janeiro. O objetivo principal é discutir a forma como a folia e a comunidade no qual está inserida são representadas na mídia, propondo a construção de uma nova narrativa, utilizando a fotografia documental, inspirada na pedagogia do bem-querer de João Roberto Ripper, como um contra-arquivo.

A folia de reis celebra o nascimento do Menino Jesus, representando a peregrinação e adoração dos Magos do Oriente. Os grupos são formados a partir de uma promessa aos Santos Reis. Realizam a jornada visitando casas e os devotos os recebem,

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reverenciando os Santos Reis e esperando deles bênçãos para sua vida e seus familiares. (Magno, 2022. p. 38 - 39).

Figura 1: Bandeira Estrela do Oriente 2 no Complexo da Reta, 2024.



Fonte: Arquivo da autora.

A Bandeira Estrela do Oriente 2, grupo ao qual esta documentação se relaciona, é a única existente na cidade. Uma tradição familiar com mais de cem anos, que sai anualmente no dia 25 de dezembro, visitando famílias devotas até o dia 02 de fevereiro.

A comunidade do Complexo da Reta, em Itaboraí (RJ), é uma área conhecida pela presença do tráfico de drogas e da violência como consequência e as narrativas nas mídias acerca do cotidiano da comunidade abordam unicamente esta temática, levando a uma invisibilidade midiática. Em breve acesso às mídias é possível identificar notícias que abordam unicamente esta temática sobre o território.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Devido ao forte legado colonial na região metropolitana do Rio de Janeiro, a manifestação destes grupos não se apresenta nos espaços centrais da cidade. Como afirma Souza, a folia transita por espaços onde o Estado não se permite alcançar. Estes grupos se utilizam das margens das cidades para circular e celebrar (Souza, 2020, p. 9) e costumam se deslocar madrugada adentro, fazendo o giro, muitas das vezes, sob escolta do tráfico de drogas local.

Figura 2:



Fonte: Jornal O Dia publicado em 01/08/2025.

Retomando à tradição, uma rápida busca sobre “o que é folia de reis” no Google revela ser uma festa tradicional brasileira, com origem européia e raízes no catolicismo. É possível identificar elementos de outras matrizes subalternizadas na folia de reis e esse tema é pouco abordado nas mídias em geral, levando a um esvaziamento dessa realidade e até mesmo preconceito acerca do festejo.

A partir da análise do arquivo, essa questão se apresenta de maneira muito forte. Este sincretismo religioso presente na tradição, vai na contramão da lógica colonial, se apresentando como uma encruzilhada de possibilidades e espaço onde as pessoas vivenciam e expressam suas práticas culturais e valores, que moldam suas identidades. A encruzilhada não é apenas um espaço físico, mas também simbólico, onde escolhas são

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

feitas, onde a vida se reinventa e as tradições são respeitadas enquanto se busca novas formas de existências.

Figura 3: Estrela do Oriente 2 visita centro de Umbanda, 2023.



Fonte: Arquivo da autora.

Fotografia documental e o Bem-Querer

Considerada uma narrativa, a fotografia documental concentra sua captura no homem e o seu espaço, tratando de temas cotidianos, assumindo uma função problematizadora para questões sociais. Trata-se de uma fotografia desenvolvida a partir de uma apuração prévia, a elaboração e estudo sobre um tema, referindo-se a projetos de longa duração (Lombardi, 2007. p. 44 - 45).

Este gênero oferece uma lente através da qual o cotidiano pode ser observado, interpretado e questionado. Fotografias documentais podem capturar aspectos da vida cotidiana que frequentemente passam despercebidos, revelando as complexidades e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

nuances da experiência diária. A prática fotográfica pode trazer luz às tensões entre a rotina e o extraordinário, proporcionando uma visão crítica das condições sociais que moldam a vida cotidiana.

Figura 4: Sanfoneiro em noite de giro da Estrela do Oriente 2, 2024.



Fonte: Acervo da autora

Nesta documentação utilizei a pedagogia do bem-querer do fotógrafo documental João Roberto Ripper como prática fotográfica. O bem-querer se define na aplicação dos Direitos Humanos na fotografia, prezando o respeito e a dignidade do ser fotografado, desconstruindo estereótipos, enfatizando a beleza dos fazeres (Gastaldoni, 2020, p. 252). Para Ripper, a grande missão de um fotógrafo documentarista é criar um elo de bem-querer entre quem é fotografado e o espectador desta fotografia, possibilitando uma conexão com o público a partir das imagens (Temido, 2022. p. 56).

> Uma informação única repetida se transforma em verdade absoluta – reduzindo e resumindo uma comunidade a uma história só, limitante. Quando selecionamos quem é bom e quem é mau, perdemos efetividade

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

> na função social do jornalismo[...]. O perigo dessa história, na verdade o crime, não é que ela seja mentira, ela pode sim ser verdade, mas a gravidade é que ela se transforma em uma simplificação das potências e das variedades de personalidades que se têm em um grupo. (Ripper, 2022 Apud Temido, 2022. p. 53).

Partindo deste princípio, a abordagem metodológica da minha pesquisa é baseada na observação participante devido à proximidade com a comunidade, onde pude estabelecer "um relacionamento multilateral" ao longo dos anos de documentação com a bandeira Estrela do Oriente 2, "com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo" (May, 2001. p. 177). Uma das hipóteses levantadas é: seria esta documentação fotográfica um arquivo ou um contra-arquivo?

Políticas de um tempo: o contra-arquivo

A fotografia documental e o contra-arquivo representam duas facetas do uso da imagem na sociedade contemporânea. Enquanto a primeira busca um registro autêntico da realidade social, conforme já mencionei, o segundo promove uma disruptura dessa realidade, propondo narrativas visuais que descortinam as complexidades do mundo atual. Ambas as abordagens são essenciais para entender como as imagens podem influenciar percepções e narrativas sobre o cotidiano e suas representações.

Fontcuberta (2012) afirma que o mérito da imagem reside no processo de reconhecê-la, na função que ela desempenha, em qual discurso ela está inserida, e não simplesmente no ato de realizá-la. Relacionando com a ideia de uma fotografia imperialista, da memória construída através destes arquivos, é preciso realizar um movimento de "desmemória", desprovendo a história de um discurso autoritário e propondo um novo diálogo com o arquivo.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Figura 5: Palhaço Mulatim - Bandeira Estrela do Oriente 2, 2022.



Fonte: Arquivo da autora

Para Ripper, a grande missão de um fotógrafo documentarista nesta perspectiva é possibilitar a construção de uma narrativa que vá na contramão do discurso de poder. Me arrisco aqui a dizer que a prática fotográfica proposta por ele é uma forma de contra-arquivo. Ao afirmar isto, me baseio na análise Azoulay (2019), quando propõe repensar as origens da fotografia a fim de desconstruir as narrativas imperialistas, sugerindo a construção de outras histórias potenciais.

Uma análise que considero importante trazer para esta discussão é a perspectiva de Hall (2016) sobre as representações de culturas e identidades que são construídas e consumidas na sociedade contemporânea e a forma como os "outros" são retratados na mídia, enfatizando a importância da construção de estereótipos e da dinâmica entre o "nós" e o "eles". Hall argumenta que essas representações moldam percepções e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

identidades sociais, influenciando tanto a autoimagem de grupos marginalizados quanto a visão que a sociedade tem deles.

Figura 6: Bandeira Estrela do Oriente 2 visita devoto, 2022.



Fonte: Arquivo da autora.

Azoulay (2019) faz uma reflexão, do que ela chamaria de “Obturador Imperial”, quando este captura uma porção de informação, que é enquadrada e posteriormente apropriada pelos detentores de seus direitos, desenvolvendo-se como uma tecnologia imperial ao qual a ideia de tempo, espaço e corpo político integram as 3 linhas divisórias que o obturador traça. A desaprendizagem do imperialismo e a recusa das histórias contadas pelos obturadores imperialistas, emancipam-se e dão uma visibilidade diferenciada aos fatos históricos (Azoulay, 2019. p. 18).

Uma história potencial do cotidiano - Considerações finais

A ideia de fotografia defendida por Ariella Azoulay desafia a visão convencional deste dispositivo e argumenta que as imagens fotográficas têm o poder de criar uma "história potencial", onde diferentes interpretações e significados podem surgir. Esse

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

conceito sugere que as fotografias não são apenas documentos do que foi, mas possibilitam a construção de novos entendimentos e perspectivas sobre o passado, possibilitando recuperar o potencial que sempre esteve lá (Azoulay, 2019).

A recusa deste dispositivo imperial dialoga com a ideia de Michel de Certeau, que, em sua obra “A Invenção do Cotidiano”, explora como os indivíduos utilizam e reinterpretam práticas e produtos culturais em seu cotidiano. Certeau distingue entre “estratégias" que são as formas como instituições e estruturas sociais tentam controlar e organizar a vida social, e “táticas”, que são as maneiras criativas e improvisadas que os indivíduos usam para navegar e resistir a essas estratégias (Certeau, 1994).

Figura 7: Palhaço Mulatim, Estrela do Oriente 2, 2022.



Fonte: Arquivo da autora.

Nessa lógica, podemos compreender como “estratégias” a forma como o obturador da câmera, de maneira rápida e precisa, captura uma imagem e “controla que tipos de coisas devem ser distanciadas, isoladas, removidas, esquecidas”. Aquilo que é

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

suprimido pelo obturador, torna-se irrelevante e deixa de existir da vida social. (Azoulay, 2019).

O contra-arquivo é uma possibilidade de "tática" ao qual indivíduos realizam práticas cotidianas que não são totalmente determinadas pelas estruturas de poder dominantes, e podem ser documentadas através da fotografia. Certeau (1994) dialoga com a ideia de "reapropriação" como um ato de subversão, onde práticas cotidianas são usadas para reivindicar significados alternativos ou contrários aos dominantes.

É preciso romper com a voz única tida como universal e reivindicar o protagonismo de suas narrativas, defendida na prática fotográfica do Bem-Querer, de Ripper. Como propõe Azoulay, "desaprender o imperialismo é tentar perceber o momento em que o obturador está para se reabrir, automaticamente", como um possível recomeço, podendo assim, construir uma história potencial (Azoulay, 2019).

Figura 9: Centro de Umbanda recebe a folia Estrela do Oriente 2, 2023.



Fonte: Arquivo da autora.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Referências

AZOULAY, A. A. **História Potencial:** desaprender o imperialismo. Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** as artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FONTCUBERTA, J. **A Câmera de Pandora:** A fotografi@ depois da fotografia. São Paulo: Editora G. Gilli, 2012.

GASTALDONI, D. A Pedagogia do Bem-Querer na obra de João Roberto Ripper. **Revista Trabalho Necessário**, v. 18, n. 36, p. 248-255, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

LOMBARDI, K. H. **Documentário Imaginário:** Novas potencialidades na fotografia documental. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2007.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

MAGNO, M. R. **Culturas populares, políticas públicas e patrimonialização:** (des)encontros na Folia de Reis de Valença. 2016. Dissertação (Mestrado em Memória Social). UERJ. Rio de Janeiro, 2016.

MAY, T. **Pesquisa social:** Questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artemed, 2001.

SOUZA, L. G. M. As Folias de Reis e suas peregrinações rituais por territórios liminares urbanos. **Revista Ponto Urbe**, n.24, 2019. Online em 2020. Disponível em: http://journals.openedition.org/pontourbe/6041. Acesso em: 14/10/23.

TEMIDO, G. M. G. Bem-querer: Um olhar humanizado na fotografia brasileira a partir da obra de João Roberto Ripper. **Revista Miguel,** n. 7, 2022. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61281/61281.PDF. Acesso em: 10/09/24.